



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

Eixo Território, Planejamento, Desenvolvimento e Conflito

**O Ensino de Geografia com ênfase no conceito de Lugar: Uma discussão sobre a Identidade Sertaneja Norte Paranaense.**

Heloísa Fernanda Muniz Silva<sup>1</sup>

Gustavo Martini Delfine<sup>2</sup>

Mateus da Silva Romão<sup>3</sup>

Nilson Cesar Fraga<sup>4</sup>

**Resumo** O artigo tem como recorte espacial a região Norte do Estado do Paraná, que carrega a identidade sertaneja em essência, evidenciada por autores e obras clássicas da literatura, objetivando debater o lugar do sujeito sertanejo e dos próprios sertões na realidade brasileira. Para tanto, se utiliza de autores que caracterizam, primeiro, o Norte do Paraná, ao mesmo tempo em que seleciona mestres da literatura que se aventuram na descrição da referida “pessoa” sertaneja, validando-se pelo espaço geográfico miltoniano, que é entendido como um produto da história.

**Palavras-chave:** Espaço geográfico; Sertão; Cultura interiorana; Norte Paranaense.

**Abstract:** The article has the spatial cut of the North Region of Paraná State, whose carries the sertaneja identity in essence, evidenced by authors and classical works in literature, aiming to debate the place of the sertanejo subject and those sertões in Brazilian reality. Furthermore, its uses of authors whose characterize the North of Paraná, while it selects literature masters that describe the sertanejo “person”, validating itself through the geographic space of Milton Santos, whose is understood as a product of history.

**Keywords:** Geographic Space; Sertão; Country Culture, North of Parana.

---

<sup>1</sup> Bolsista Capes do Programa Residência Pedagógica, do Curso de Geografia, Universidade Estadual de Londrina. Colaboradora no Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito. E-mail: heloisa.munizz@uel.br

<sup>2</sup> Estudante do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Membro do Coordenador do Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito. E-mail: gustavo.delfine@uel.br.

<sup>3</sup> Bolsista CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, trabalho produto de pesquisa de IC - Iniciação Científica. Estudante do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mateusromao13@uel.br

<sup>4</sup> Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Coordenador do Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito. Pesquisador de Produtividade do CNPq/Brasil

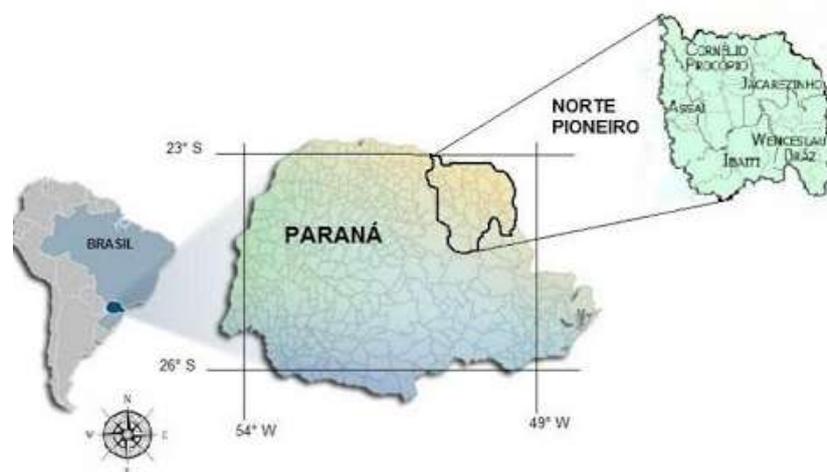


## 1. INTRODUÇÃO

O estado do Paraná é entendido como um território (re)ocupado. Essa condição é atribuída à porção territorial paranaense quando se considera a existência das populações indígenas (originárias), tradicionais (caboclos, ribeirinhos, quilombolas etc.), aquelas que se desenvolviam em povoados no período que antecede a década de 1930. O avanço das frentes pioneiras (Marcha para Oeste) sobre o território acontece por incentivo de reocupação das terras para introdução das lavouras de café, pois o crescimento das fazendas cafeeiras já ultrapassava a divisa entre o Paraná com o estado de São Paulo. A primeira região afetada por tal frente, foi o Norte, que depois da ocupação das terras ao Sul do rio Tibagi, passaram a ser conhecidas como “Norte Pioneiro” ou “Norte Velho”, justamente pela condição relativamente precursora (aos parâmetros de desenvolvimento dos colonizadores do século XIX e XX).

A partir desse entendimento inicial sobre a reocupação do territorial do Norte do Paraná, o trabalho em questão possui como objetivo central debater o lugar do sujeito sertanejo e dos próprios sertões na realidade regional, refletindo sobre sua importância para o Ensino de Geografia. Para alcançar os objetivos, metodologicamente, se faz leitura e análise de literatura específica, focada nos conceitos e categorias de análise da disciplina de Geografia, assim como de literatura que verse sobre o termo sertão/sertanejo, ambos entrelaçados com teóricos da Geografia escolar e do ensino. Por ser tratar de uma discussão entre Ensino de Geografia, Sertão e Identidade Cultural, as referências empregadas na metodologia de averiguação permitiram ampliar a ideia de sertão, assim como demonstrar sua importância na escola, notadamente, no ensino básico, traçando elos com o sertão norte-paranaense (Figura 1), como frente pioneira, como ver-se-á, na sequência.

**Figura 1** – Localiza do Norte Pioneiro do Paraná.



**Fonte:** Bondarik (2023).



O geógrafo Pierre Monbeig, na publicação do livro *Pionniers et planteurs de l'État de São Paulo* (1952) discute a denominação “pioneira” e “grileira”, e ao mesmo tempo de zona pioneira do Paraná (como equivalente a fronteira), sendo ele referência nos estudos territoriais que previam a expansão das frentes exploratórias, as mesmas que já haviam territorializado o interior do estado de São Paulo (CARVALHO, 2007).

O livro *Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico*, de Carvalho & Fresca (2007), une as fases da Geografia do Brasil ao contexto de exploração do norte paranaense, já que acontecem quase paralelamente. Aqui, a palavra exploração merece destaque: o estado (em sua totalidade) já estava sendo ocupado desde meados de 1840, para além da “zona civilizada” (norte do Paraná ou oeste de São Paulo), e longe ainda do que viria a ser a Província do Paraná, criada somente em 1853. As porções mais interioranas, ou a “zona despovoada”, eram, de fato, o sertão, povoado desde o século XVIII, e não explorado por frentes pioneiras (BERNARDES, 1952). Sobre sertão, é importante estabelecer que:

Diante essa constatação se faz necessário investigar os diferentes lugares de fala desses “sertões”, e trazer a sensibilidade para as pessoas, para sua realidade, respeitando a subjetividade e particularidades presentes. É a compreensão da relação de pertencimento fazendo a diferença para uma ciência que integre os saberes dos povos tradicionais do campo, bem como seu modo de vida, sua cultura, forma de pensar e suas relações com a natureza.

É promover uma ideia de sertão que busca a promoção de uma educação efetiva, de bem-estar social, ao direito à vida e aos recursos naturais. Por isso repensar o papel desempenhado pela ideia de sertão na formação territorial brasileira ajudará na busca de novos horizontes rumo a construção de políticas públicas conscientes e de proteção socioambiental e cultural, buscando integrar a justiça social, a eficiência econômica e a sustentabilidade ambiental, esta última, para além da vulgaridade do uso do termo por políticos, mídias e organizações civis e não-governamentais (FRAGA & BUENO, 2023, no prelo).

Para entender o processo de desaparecimento intencional do estilo de vida sertanejo, até então condição padrão dos povoados do referido recorte regional, anterior a frente exploratória, é necessário compreender as fases econômicas paranaenses, direcionadas para o bem ou mal, de acordo com a premissa dos entes governamentais. Tal qual as fases da Geografia, também houve condicionantes ideológicas que direcionaram as pautas de acordo com os momentos políticos da história na construção socioespacial do Paraná. A composição leva em conta diversos fatores: econômicos, políticos, sociais, culturais, etc.; e é fundamental para fortalecer ou modificar o que Monbeig defendia, renascendo Vidal de la Blache, o conceito de “gênero de vida” (MONBEIG, 1957).

Não é por acaso que no percurso de estruturação da Geografia como ciência há na década de 1940 duas fases importantes: a primeira intencionava fortalecer o grupo docente, e a segunda consistia no planejamento territorial (ALMEIDA, 2004).



O Paraná, é articulado de maneira detalhista com o loteamento proposto pela Companhia de Terras do Norte do Paraná, que a partir de 1929, com capital inglês, iniciou o avanço colonizador das terras ao Sul do rio Paranapanema, ou seja, antes mesmo de sua (re)ocupação, já havia um roteiro. Este texto não abarca uma análise aprofundada dos fatores que alavancaram o desenvolvimento paranaense, a partir da apropriação das terras pelo Estado, mas pontua os principais: a construção de ferrovias e a criação de estações ferroviárias, além das supracitadas lavouras de café. No que concerne tais questões, Nilo Bernardes (1952) lista condições específicas, como as diferenças entre os tipos de solo, ou de estradas ferroviárias que, conseqüentemente, beneficiavam determinadas regiões, o autor chega a citar “prioridade de povoamento”. Nilo não é o único a relatar tais privilégios: Lysia Bernardes (1951), disserta sobre a relação entre o crescimento populacional desigual dentro de um mesmo estado, citando porções que ficaram na retaguarda das frentes pioneiras, cujas relações e contradições envolvendo as atividades humanas, são melhores explicitadas por Milton Santos.

O espaço transmitido pela concepção de Milton Santos, em *Por uma Geografia nova* (1978) aborda o caráter heterogêneo, produto da desigualdade, da formação espacial, “(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens (SANTOS, 1978, p. 171).”; perpetuando a característica discrepante nas relações sociais e no ambiente físico, contradições do sistema de ação e sistema de objetos, do mesmo autor.

Já o plano de construção da rede rodoviária, só surge na década de 1930, e as migrações com destino ao Paraná se dão em diferentes momentos, por numerosos motivos. Tampouco é o foco do texto, ainda, averiguar as causas das migrações, mas preocupa-se em citá-las, já que reconhece a influência das culturas que adentram os limites do estado, mesclando-se com a sertaneja, tanto que Wachowicz (2001) e Monbeig (1984) convergem ao elencar as razões da migração mineira. O primeiro autor aponta para a crise econômica de 1840, e o segundo faz menção a Guerra do Paraguai como possível pretexto migratório. Mas há que se considerar que ambas podem ter deixado pessoas nesse sertão que fora caminho para a Guerra do Paraguai, assim como espaço de quilombos e, claro, indígenas – tais grupos humanos deixaram marcas que ainda são observadas regionalmente, não sendo completamente apagadas pela veloz frente pioneira dos anos de 1930.

Eurípedes Simões de Paula (1936), descreve o entorno do município de Cornélio Procópio como “É o sertão. Por toda parte a marca da conquista do homem. Tudo diferente. É um ambiente solitário e cheio de ruidosa natureza. É uma das zonas pioneiras do Brasil, a ser incorporada por centros industriais importadores e exportadores da costa.” (PAULA, 1936). Ainda, cita o movimento atípico de migração interiorana, no qual exemplifica com a migração de Londrina para Cornélio Procópio, relatando que o povoamento da região



abarcou, nesse raro momento da história, indivíduos com múltiplas intencionalidades: cafeeiros, meeiros mineiros e fluminenses, nortistas para a construção de estradas de ferro e extração de madeira, estrangeiros, posseiros e bandeirantes. Importantes colocações de Paula (1936), pois na parte inicial sobre o sertão, aponta as marcas da conquista humana, fato que permite comprovar a ocupação por povos tradicionais na região.

As cidades do Norte Velho que caíram no esquecimento, como é o caso de Cornélio após os trilhos se alongarem em outros territórios “(...) viu-se Cornélio do dia para a noite privado de sua população, que emigrou em massa” são regiões em que a cultura sertaneja sobreviveu, resistindo as metamorfoses do tempo e das gerações, e sobretudo o boicote do Estado. O povoamento dessas terras é, segundo Eurípedes Simões de Paula (1936), um “(...) presente ao imigrante estrangeiro ou nacional”, essa afirmação denota, mesmo que não seja a intenção do autor estabelecer uma crítica, a vantagem dos não-nativos sobre os lotes norte paranaenses, tanto para comprar (maior poder aquisitivo) quanto para receber (prioridade na fila de concessão de terras advindas do Estado) – mas demonstram um sertão impregnado de gente territorializada.

O Estado e, com destaque o Norte Pioneiro, sustenta-se e conseqüentemente desenvolve-se às custas da cultura do café como gênero de vida até meados de 1975, recebendo migrações de todas as regiões do país. Os migrantes se realocavam para fugir das crises, que eram externas as divisas territoriais paranaenses e algumas até do Brasil, e chegavam esperançosos com as oportunidades de trabalho nas lavouras de café, durante seu período como economia preponderante.

Tomazi (1997), sintetiza mencionando que “a cafeicultura se expandiu, ela declinou, deixando atrás de si, riqueza e pobreza em todos os cantos da região em estudo. A década de 1970 inicia-se já sob a “sombra” do fantasma rondando a cafeicultura.” E, a partir da síntese histórica do Norte Velho e o cerne econômico de desenvoltura do mesmo (o café), o próximo passo será a discussão tematizada, que se preocupa em conceituar Sertão, o sujeito sertanejo, a identidade, o lugar e a paisagem por meio do Ensino de Geografia, afinal, é preciso avançar da concepção socioterritorial regional que tem no ditos pioneiros do café, e que tinham possibilidades de adquirir o capital da companhias colonizadoras, os formadores das territorialidades da região Norte paranaense.

É preciso que o ensino avance, incorpore no debate contraditório da reocupação regional, os povos originários milenares, assim como os seculares sertanejos, pois a presença desses, está marcada em toda a região, desde espaços sagrados caboclo-sertanejos, como se observa em Carlópolis, ou mesmo, os esquecidos ao Sul de Londrina, como provas das territorialidades pretéritas do Norte do Paraná (FRAGA, 2017).

Os sertões foram “conquistados” e “ocupados” aos poucos, já que até então, o interior do continente constituía um extenso vazio cartográfico/demográfico, principalmente



com o avanço centro-sulista sobre o território nacional, com as fronteiras agrícolas que avançaram sobre os sertões, lançando-os no passado, e eliminando-os do presente, pois representam o atraso na concepção elitista brasileira (FRAGA, 2019).

## 2. DESENVOLVIMENTO

O conceito Sertão e suas implicações

De acordo com Moraes (2003), o sertão é um conceito além de suas características físicas identificáveis, além da ideia comum que associa sertão de espaço com baixa densidade populacional e vastos espaços de seca. Para o autor, o termo não está associado com o espaço geográfico. Menos ainda se qualifica como algum tipo de sociedade e suas atividades, sendo o sertão um conjunto indissociável de grupos humanos que constituem a formação socioterritorial brasileira.

Para Filho (2011), “Sertão” entra no leque de palavras que usamos por vezes errado, sem pensar nas suas conexões e origens com a ciência geográfica. Para a Geografia, o sertão do Brasil corresponde a vastíssima zona interiorana. Dessa forma, o “sertão” parece ter um só sentido (interioridade), mas que se expressa em diferentes fisiologias, muitas vezes sem similaridade. A partir desses fatores, é fundamental para o/a pesquisador/a da Geografia especificar com qual sertão está trabalhando, como no caso aqui, onde a pesquisa terá suas atenções voltadas ao sertão norte-paranaense, mais especificamente na região conhecida por Norte Velho ou Norte Vermelho.

O “Sertão” ocupa local de importância na literatura brasileira, que vai da poesia romântica (Álvares de Azevedo, Castro Alves, etc), passando pela prosa romântica (Bernardo Guimarães, José de Alencar, etc.), estando presente na literatura realista, mas também na figura mística, com simbolismos e fundamentando o imaginário brasileiro.

Embora a “geração de 1930” tenha se destacado pela construção dos conturbados sertões nordestinos, com forte conotação social, é importante entender que cada sertão possui suas particularidades, físicas e humanas. Talvez em nenhum outro contexto, uma ideia possua tantos diferentes significados e se identifique tanto com a cultura brasileira. Como dizia Guimarães Rosa (1965) “O sertão está em toda parte; o sertão está dentro da gente”.

Compreende-se que os sertões possuem características singulares entre si, de forma que não poderiam ser comparados, se não pela sua interioridade. Surge então a falta de presença literaturas que desmistifiquem suas propriedades, pois, pouco valeria entender, ou imaginar, o povo sertanejo, sua cultura e aspectos sociais, tendo como parâmetro os sertões distantes.



Mas, os sertões, para além da leitura euclidiana, são marcados por leituras ideológicas cheias de contradições, desde a literatura que demonstra positividade sobre os lugares, os seres e seu modo de vida, como demonstrado anteriormente, com também, o sertão como lugar inculto, como uma terra refúgio de bandidos, cheia de máculas, vista por meio de muitos outros estereótipos (FRAGA, 2022).

Unidade Temática: o sujeito e seu lugar no mundo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atribui ao ensino de Geografia habilidades capazes de compor a conceituação tanto de *lugar* quanto de *paisagem*, tais como: (EF06GE01) “Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos” e (EF06GE02) “Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários”. A premissa temática é concedida ao 6º ano, já que “propõe-se a retomada da identidade sociocultural, do reconhecimento dos lugares de vivência” (BRASIL, 2023, p. 381).

A BNCC estabelece que a Geografia oportuniza ao sujeito, antes de tudo, conhecimento sobre o mundo. A educação geográfica nesse sentido é capaz de presentear a sociedade com o entendimento sobre sua própria identidade, em que a estruturação conceitual desse termo vai além: atribui significância a paisagem, na medida que se observa as vivências individuais e coletivas, atentando-se às relações com os lugares vividos, aos costumes que remetem a memória social, moldando a identidade cultural e historicamente consciente, plural e miscigenada – tais elementos se enquadram perfeitamente para se trabalhar a questão do sertão, pois é formado por grupos sociais cuja paisagem é marcada pela memória, pela consciência, pela miscigenação, pelos costumes cheios de ancestralidades, entre outros fatores, que dão identidade sociocultural e territorial.

A noção de paisagem é anterior ao conceito propriamente dito e, durante sua fundamentação mais clássica, Humboldt propunha a análise fisiográfica da mesma, com descrições climáticas e de vegetação, por exemplo. No imaginário da população brasileira, a paisagem *Sertão* firma-se nos parâmetros desérticos de Euclides da Cunha, descritos no livro *Os Sertões* (1902). A proposta do ensino de Geografia é justamente um novo olhar sobre o espaço e a discussão sobre os múltiplos sertões, enquanto individualizados e não estereotipados, diminuindo o peso da leitura euclidiana sobre o sertão, uniformizando e, mesmo, estabelecendo perante a sociedade nacional, a existência de um único sertão, o nordestino de Canudos.

Na Geografia, o estadunidense Carl Sauer foi um dos pioneiros na discussão fenomenológica de paisagem, propondo a junção de fatores naturais e sociais na análise do referido conceito, estabelecendo ser “uma área composta por associação distinta de formas,



ao mesmo tempo físicas e culturais, onde sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes, ou seja, a paisagem corresponde a um organismo complexo (...)” (Sauer, 1925, apud CORRÊA, 1998, p. 13). A abordagem, que não é derivada da herança naturalista e comum para a época, tem como consequência a inclusão cultural dentro da discussão de paisagem, que dá destaque ao autor.

Para além do conceito de lugar e paisagem para a Geografia, o artigo em tela traz citações secundárias de outros conceitos-chave: território, espaço e região. Repartindo-os em unidades temáticas. A BNCC especifica *O sujeito e seu lugar no mundo* com ênfase nas noções de pertencimento e identidade, empregue no Ensino Fundamental - Anos Finais, como especificado acima. No eixo, o leitor se depara com a valorização da vida cotidiana, da construção identitária do sujeito junto a sua comunidade, partindo do contato com a diversidade sociocultural e considerando, ainda, aspetos políticos e econômicos (BRASIL, 2023).

As considerações fenomenológicas de Bonnemaison (1981) diferenciam as relações culturais das relações sociais, “o espaço social é produto, o espaço cultural é estímulo. O primeiro é concebido em termos de organização e de produção, o segundo em termos de significação e de relação simbólica. Um emoldura, o outro é o portador do sentido” (BONNEMAISON, 1981, p. 255). Apesar de diferentes, essas relações se desenvolvem simultaneamente, sobre o mesmo espaço.

O espaço cultural e suas atribuições de significância são elementos essenciais na construção identitária dos sujeitos, seu entendimento enquanto estímulo remete-nos ao que é assegurado pelo Artigo 27º: Direito à cultura, “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade (...)”. Evidencia-se, na perspectiva territorial de Bonnemaison, que o território concentra muitos lugares em sua essência, resistentes ao poder e a dominação. Ainda, não pode ser reduzido somente ao primeiro espaço (social), sendo o produto dessas duas relações resultante no espaço geográfico.

O sertanejo como gênero de vida, cuja gênese é interiorana, não pode ser resumido culturalmente às fases econômicas do estado, ou até mesmo da região, já que o conhecimento do saber-fazer dos Sertões antecede a colonização paulista no Norte Velho paranaense. O referido artigo, em que consta o Direito Humano que garante a cultura, foi citado no texto para instigar uma possível reparação histórica, no que tange a violação da cultura sertaneja interiorana e tradicional (dotada de profunda originalidade), sua apropriação inadequada e o esvaziamento literário, cinematográfico e musical que as antigas comunidades sertanejas sofreram, dentre tantas outras violências. A prática faz menção a democratização do acesso à cultura, que é assegurado como direito. Afinal, é um primeiro passo no rompimento dos estereótipos que envolvem as relações sociais, podendo



ser um passo fundamental para a diminuição dos conflitos no âmbito escolar, e também na sociedade.

### 3. CONCLUSÕES

Considerações finais: por muitos sertões, vários lugares do Brasil profundo.

O que se observou na construção deste trabalho, é que é necessário compreender que cada sertão possui suas particularidades físicas e humanas, tornando-se difícil compará-los, exceto pela sua natureza interiorana, a partir de vários lugares formadores de um Brasil profundo. Isso ressalta a necessidade de uma maior presença de literaturas que desmistifiquem as propriedades de cada sertão – que cada sertão seja tema do ensino de Geografia a partir da base local, do lugar onde vive a criança e o adolescente. A importância do tema na literatura brasileira é indiscutível, mas há a necessidade de pesquisas para além dos sertões nordestinos, aqueles com fortes conotações sociais e que ficaram marcados pela leitura euclidiana.

Nesse sentido, o sertão vai além de suas características físicas e associações geográficas, pois ele transcende a ideia de um espaço delimitado com baixa densidade populacional e condições áridas, com vida dura e sofrida. O sertão é um conjunto indissociável de grupos humanos que contribuem para a formação socioterritorial brasileira, na realidade, espaços formadores de uma brasilidade profunda. É fundamental para os pesquisadores e professores da disciplina de Geografia especificarem com qual sertão estão trabalhando, ressaltando valores culturais específicos desse espaço, criando identidade com o lugar que vive, a partir da realidade da comunidade, incluindo a escolar, um ensino de Geografia a partir do mundo vivido.

Para vincular-se ao *raciocínio geográfico* proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esta pesquisa observou requisitos tais como, estudar um fenômeno geográfico que pode (e deve) ser comparado a outros fenômenos, algo que não aconteça isoladamente, estando dentro de um espaço finito e delimitado, nos caso em questão, a região Norte paranaense, mas que, de fato, lida com as variadas versões desse mesmo fenômeno, sendo um pouco mais complexo e contraditório, visto que a localização da identidade sertaneja é tanto absoluta quanto relativa, pois não se enquadra somente como fixa, dentro de coordenadas geográficas impositivas, afinal, envolve toda um movimento humano, porém, sem deixar de pertencer a algum lugar marcado por apego, memória e enraizamento. Tampouco é exclusivamente relativa, porque não é meramente topológica, trazendo consigo as relações espaciais, submetidas a ordem, ou ao arranjo espacial, algo tão caro a disciplina de Geografia (BRASIL, 2023).



Para que se pudesse construir a ideia do lugar, ou seja, do Sertão, e da conceituação de identidade sertaneja, houve o detalhamento do Norte Pioneiro paranaense, pois ele era o cerne das questões analisadas, a partir de um recorte espaço-tempo que permitisse a compreensão resumida dos processos de desenvolvimento dessa região como objeto de análise.

Tudo isso esteve imbricado na análise, sem o desligamento político e econômico que, quando analisados juntos, são capazes de desvendar o passado para entender o presente, afinal, a Geografia é uma ciência do tempo presente que planeja o futuro. Por fim, mostra o papel da Geografia enquanto ciência apta para conceituar lugar, para perpetuar no ideário social o estilo sertanejo como gênero de vida interiorano, pertencente a essa comunidade, a partir da educação escolar, notadamente, nos anos finais do Ensino Fundamental.

Voltar ao passado da reocupação regional, se fez inexorável a partir da consideração de que tal histórico faz-se necessário para desmistificar o estereótipo sertanejo advindo do sertão baiano publicado por Euclides da Cunha, em 1902, que contribuiu para o sombreamento de tantos outros sertões brasileiros, além do nordestino. Na questão euclidiana, é imperativo, ainda, mencionar que a história se encarregou de apagar os sertões interioranos territorializados adiante do Nordeste brasileiro. E, por conta disso, propõe-se uma abordagem para além desse clássico literário, proporcionando, por exemplo, aos norte-paranaenses, seu reencontro com suas raízes territoriais tradicionais, sertanejo-caboclas, ribeirinhas, quilombolas, e indígenas - esses na questão originária formadora -, no conjunto da identidade regional, a partir da coexistência de numerosos grupos humanos e sociais que moldaram os sertões do Brasil profundo.

## Referências

ALMEIDA, Roberto Schmidt. O Pensamento geográfico do IBGE no contexto do planejamento estatal brasileiro. In: **Filosofia e história da ciência no Cone Sul - 3º Encontro**. Campinas: AFHIC, 2004, p. 410-415.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In: **Estudos Históricos**. Vol. 8. Rio de Janeiro, 1995, p. 145-151.

BERNARDES, Lysia Maria. Crescimento da população do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, abr./jun.1951.

BERNARDES, Nilo. Expansão do Povoamento no Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, out./dez.,1952.

BONDARIK, Roberto. **Momentos Históricos do Norte Pioneiro do Paraná** - Episódio 01. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=C9DwDBgWHUQ> >. Acesso em: 10/07/2023.



- BONNEMAISON, Joël. **Voyage autour du territoire**. L'Espace géographique. 1981.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, p. 381-385. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> . Acesso em: 10/07/2023.
- CARVALHO, Márcia Siqueira; FRESCA, Tânia Maria. Geografia e Norte do Paraná, v. I. Londrina: **Edições Humanidades**, 2007.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero, [et al]. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS Editora e AGB-Seção Porto Alegre, 2003.
- FILHO, Fadel David Antonio. Sobre a palavra “Sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica). In: **Fronteiras da Geografia**. Bauru. 2011.
- FRAGA, Nilson Cesar. **Por uma Arqueogeografia brasileira: a possibilidade de análise profunda do território a partir da Guerra do Contestado como exemplo prático**. Videira: Êxito Editora e Comunicação, 2022.
- FRAGA, Nilson Cesar & Victória Jandira Bueno. A ideia de sertão na formação socioterritorial brasileira, e na região da Guerra do Contestado. **Revista Caminhos da Geografia**. Uberlândia, (s.p.), 2023 – no prelo.
- FRAGA, Nilson Cesar. **Geografias de tempos de dominação e barbárie: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil**. In: F. D. Alves; S. C. Azevedo; E. L. Coca; A. R.Vale. (Org.). A Dimensão política no espaço: (...) Alfenas, MG: Editora da Universidade Federal de Alfenas, 2019, v. 1, p. 84-114.
- FRAGA, Nilson Cesar. **Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas**. Florianópolis: Editora Insular, 2017.
- MONBEIG, Pierre. 1957. **Novos estudos de geografia humana**. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.
- MONBEIG, Pierre. **A zona pioneira do Norte Paraná**. Geografia, São Paulo, v. 1, n1, 1935.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. In: **Terra Brasilis**. 2003. Disponível em <<http://terrabrasilis.revues.org/341>>. Acessado em 14/06/2023.
- PAULA, Eurípedes Simões de. **Geografia**. São Paulo, v. 2, n. 2-3, 1936.
- ROSA, José Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 4ªed. Rio de Janeiro. 1965
- SAUER, Carl Ortwin. **A morfologia da paisagem**. 1925. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. pp.12-74.
- TOMAZI, Nelson Dácio. **“Norte do Paraná”**. História e fantasmagorias. Tese de doutorado (História). UFPr, 1997. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/31883/T%20-%20NELSON%20DACIO%20TOMAZI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15/03/2022.



WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9ª edição, Curitiba: Imprensa oficial do Paraná, 2001.